

Imigração

Conselho Europeu: a cimeira da desilusão



Carlos Coelho

2/7/2018, 16:53

Foi uma Cimeira regressiva porque andámos para trás em vez de darmos passos em frente. E foi uma desilusão porque as decisões aí tomadas vão no mau sentido ao invés do que era desejado e é necessário.

A chamada “crise” dos refugiados foi o tema central do Conselho Europeu. Criou-se imensa expectativa relativamente a uma **Cimeira decisiva e com ambição mas foi, afinal, uma Cimeira regressiva e uma desilusão**. Regressiva porque andámos para trás em vez de darmos passos em frente e desilusão porque as decisões que se tomaram vão no mau sentido ao invés do que era desejado e é necessário.

Em seis pontos acho lamentável:

O Conselho decidiu alimentar a narrativa populista e securitária.

Desde 2015 (de acordo com os próprios números do Conselho) **as entradas ilegais nas nossas fronteiras diminuíram 95%**. Em contrapartida, o número de mortes no Mediterrâneo por 100 chegadas duplicou no mesmo período. De um programa voluntário que previa redistribuir 120.000 refugiados por todos os Estados-Membros em dois anos (e quando as chegadas ultrapassavam um milhão), relocámos pouco mais de trinta mil... Dois anos não foram suficientes e nem todos participaram. No entanto, **sete dos onze pontos das conclusões desta Cimeira são dedicados ao controlo das fronteiras externas**.

Reforçar as nossas Fronteiras é (há pelo menos dois anos) a única prioridade identificada pelo Estados-Membros. Em 2016, e com resultados evidentes, ampliámos brutalmente a Agência de Fronteiras de União. Mas mesmo assim, os Chefes de Estado e de Governo querem voltar a fazê-lo, para níveis nunca antes vistos. No mesmo período de tempo, não alterámos uma linha ao **Gabinete Europeu de Apoio ao Asilo, que permanece o mesmo desde a sua fundação, em 2010**. Apesar do Parlamento Europeu, e eu próprio enquanto negociador pelo PPE, ter lutado pela sua transformação numa verdadeira Agência Europeia para o Asilo, os Estados-Membros adiam uma decisão há quase dois anos.

Longe da vista, longe do coração

Em 2016, o acordo UE-Turquia foi a primeira expressão do **outsourcing na gestão dos fluxos migratórios**. Um acordo que hoje envergonha a Europa. Mesmo assim, dois anos depois, repete-se a fórmula: criam-se “plataformas regionais” em África, para

processamento de pedidos. Dizem que querem “salvar vidas”, mas disseram o mesmo da operação militar no Mediterrâneo para destruir barcos, **cujo resultado foi simplesmente aumentar o número de mortes.**

Além de **eticamente duvidoso**, afiguram-se inúmeros obstáculos práticos: Como é que o governo líbio (por exemplo), que não controla totalmente o seu território, poderá apoiar a União na criação de “plataformas de desembarque regionais” ?

Mas o objetivo principal é alcançado: *longe da vista (Italiana), longe do coração.*

Desistir do Sistema Europeu Comum de Asilo

Em paralelo, numa aparente aliança entre a “nova europa” de Macron e a “nova geringonça espanhola”, propõe-se a criação de “centros controlados” para acolher os resgatados que acabem do nosso lado do Mediterrâneo. A fórmula, também aqui é repetida: **tudo é voluntário**. Os campos serão criados voluntariamente. Aqueles com direito a permanecer, serão, outra vez, voluntariamente redistribuídos pela Europa. Está bom de ver que estes centros acabarão em Espanha, Itália, Malta e Grécia, tal como é evidente que o agora famoso Grupo de Visegrado irá continuar a não querer participar neste esforço. A solução proposta não é apenas risível, como **coloca em causa uma verdadeira reforma de Dublin** (o Regulamento europeu para o asilo).

O Conselho devia ter acompanhado o Parlamento Europeu na defesa de um **sistema obrigatório, justo e responsável que não isole os Estados-Membros da Linha da Frente.**

Será ainda possível preservar Schengen?

Um dos efeitos perversos do facto de não termos tido respostas europeias foi **colocar o espaço Schengen de livre circulação em perigo**. Em dois anos tivemos mais do dobro dos controlos nas fronteiras dentro da União do que nos dez anos anteriores. Schengen foi posto em causa, a carregar males que não são seus: Não foi Schengen que criou o fluxo de refugiados, não foi Schengen que criou terroristas, não é Schengen que cria migrações económicas e não é Schengen que estimula os movimentos secundários.

Enquanto presidente da *Task Force para Schengen* do Parlamento Europeu, pude ler todas as cartas em que os Estados-Membros apresentam os números que justificam a reintrodução de controlos nas fronteiras internas. Foram já **controlados milhões de pessoas, para detetar pouquíssimos migrantes ilegais ou requerentes de asilo**. Mas também aqui, os Chefes de Estado e de Governo decidem repetir a fórmula desastrosa usada até aqui: os Estados-Membros poderão adotar as medidas nacionais que bem entenderem para controlar os pouco relevantes movimentos secundários.

A verdadeira justificação destes controlos reside nos populismos, nos radicalismos e nas novas democracias “iliberais” que proliferam um pouco por todo o nosso continente.

Schengen já estava ameaçado, esperemos que este Conselho não tenha sido uma sentença de morte.

O Parlamento não teve voz neste Conselho

O Presidente do Parlamento Europeu, convidado habitual nestas cimeiras, decidiu **apresentar junto do Conselho Europeu a posição de Itália em vez do Parlamento Europeu**. Não é verdade que “a prioridade absoluta é, por conseguinte, encerrar as rotas do Mediterrâneo”. A prioridade absoluta, tal como foi votada e aprovada, tem de assentar em três eixos:

- Busca e Salvamento
- Dublin e vias legais de acesso
- e Apoio aos Países de origem e trânsito.

Que Futuro?

Nesta crise de Refugiados, o ponto de partida é claro: **proteger quem tem de ser protegido**.

Solidariedade e Responsabilidade são duas faces da mesma moeda e as reformas que dão expressão a este binómio estão há muito identificadas. Perante o impasse que vivemos, há que condicionar fundos e a participação em Schengen à participação no esforço comum de um Espaço europeu de asilo.

Manter este projecto de paz, de desenvolvimento, de inovação, de livre circulação e de cidadania só é **possível com o empenho de todos**. Esperava que o Conselho tivesse contribuído para **uma Europa mais solidária e não para reforçar os egoísmos nacionais quando não mesmo nacionalistas**.

<https://observador.pt/opiniao/conselho-europeu-a-cimeira-da-desilusao/>